

PDL-Mercadores Praia da Vitória
Rua dos Mercadores nº 22 Rua de Jesus nº 42/44

Ribeira Grande
Rua El Rei D. Carlos I nº 61

PDL-Machado dos santos Angra
Rua Machado dos Santos nº 77 Rua de S. João nº 18

CENTRAL dos CABELOS
A Loja da Beleza Açoreana

VERNIZ EXTENSÕES DE CABELO MAQUIAGEM PRANCHA ALISADORA CERA DEPILAÇÃO CREMES SHAMPOO COLORAÇÃO PERFUME E MUITO MAIS...

SECADOR DE CABELO

A MAIOR REDE DE LOJAS DE COSMÉTICA DOS AÇORES

www.facebook.com/lojacentraldoscabelos

Diário dos Açores

www.diariodosacores.pt
Domingo, 12 de Outubro de 2014 Ano 145º, Nº 40.512

0,60 € Fundado em 1870 por M. A. Tavares de Resende O quotidiano mais antigo dos Açores Director: Paulo Hugo Viveiros Sub-Director: Manuel Moniz

abOURO
A primeira casa de OURO dos Açores
NOVO-USADO-PARTIDO
COBRIMOS TODAS AS OFERTAS
968 090 670
913 857 675
RUA MACHADO DOS SANTOS, PONTA DELGADA

Unidade de Pedopsiquiatria do Hospital de PD com lista de espera de 8 meses

A unidade de pedopsiquiatria do Hospital de Ponta Delgada bate-se com um grande volume de pedidos, superior à capacidade de resposta e a lista de espera para uma primeira consulta crianças e jovens atinge os oito meses.

De acordo com a agência Lusa, a informação foi avançada sexta-feira pelo pedopsiquiatra do Hospital do Divino Espírito Santo, em Ponta Delgada, Bruno Seixas, à margem do III Roteiro de Saúde Mental dos Açores, -

dicando que na região, “uma em cada quatro crianças” tem hipótese, “ao longo do seu percurso de desenvolvimento, de ter sintomas com impacto significativo a nível do seu desenvolvimento”.

Segundo o pedopsiquiatra, a lista de espera na ilha Terceira onde o especialista também presta assistência, “é de 26 crianças mas em São Miguel, a maior ilha açoriana, “o número é superior”.

“Atualmente um caso não urgente que seja encaminhado

para o Hospital de Ponta Delgada para observação pedopsiquiátrica tem que esperar mais de oito meses” para ser atendido para uma primeira consulta de pedopsiquiatria, adiantou

“Temos um grande volume de pedidos, era necessário que o sistema de referência fosse afinado, mas tentamos dar resposta, embora por vezes não consigamos em tempo útil”, disse o responsável pela unidade de pedopsiquiatria do Hospital de Ponta Delgada. **P.2**



Cuidados continuados “chegam a todas as ilhas em 2015”...

O secretário regional da Saúde dos Açores Luís Cabral anunciou que a rede de cuidados continuados da região que actualmente só funciona em São Miguel, vai estender-se às restantes ilhas em 2015. **P.2**

SATA baixa sobretaxa de combustível nas ligações com o continente e Madeira

A SATA baixou a sobretaxa de combustível que se cobra nas ligações aéreas entre a Região Autónoma dos Açores e o Continente e os Açores e a Madeira, que passa de 30 para 28 euros por percurso. O novo valor da sobretaxa de combustível aplica-se a todos os bilhetes. As taxas de combustível a aplicar, de acordo com o que está estabelecido nas Obrigações de Serviço Público, são decididas trimestralmente pelo INAC, tendo por base a variação do preço de carburante de avião no mercado. **P.3**

Universidade dos Açores “inverteu tendência de aumento do passivo”

O reitor da Universidade dos Açores declarou que a academia “inverteu” a tendência de aumento do passivo para os valores estipulados no plano de recuperação financeira celebrado com o Ministério da Educação.

“A Universidade dos Açores, neste

momento, de acordo com as medições que têm vindo a ser implementadas nos últimos meses, inverteu a sua tendência de aumento de dívida para os valores que estavam preconizados no plano de recuperação financeira cumprindo a sua parte do acordo”, referiu João Luís Gaspar. **P.3**

Ensino público “não está preparado” para englobar alunos com dislexia

Mais de 5% das crianças do primeiro ciclo de ensino básico em Portugal sofre de dislexia. Os dados são de 2011, mas constam do único estudo sobre a prevalência deste distúrbio de aprendizagem.

Em entrevista ao Diário dos Açores, Diana Reso Coelho, especialista em Educação Especial, autora do livro “Dificuldades de Aprendizagem Específicas: Dislexia, Disgrafia, Disortografia, Discalculia”, destaca que “é preciso fazer mais coisa no nosso sistema de ensino”, aponta como prioridade a necessidade de “formar os pais e professores”, pois são “aqueles que têm um papel fundamental” na sinalização destes problemas.

É cada vez mais comum encontrar professores, psicólogos, educadores e pais nos workshops que dinamiza e não apenas pais/encarregados de educação que procuram informação por não saberem muito bem o que o filho tem ou que é a disortografia/discalculia. **P.4**



MAIS PARA LER: BOLSA ■ SAÚDE ■ OPINIÃO ■ NACIONAL ■ INTERNACIONAL ■ CINEMA ■ CIÊNCIA ■ CLASSIFICADOS ■ TELEVISÃO ■ HORÓSCOPO ■ ESPECTÁCULOS ■ TRANSPORTES ■ JORNAL OFICIAL ■ ANEDOTAS ■ DESPORTO ■ EFEMÉRIDES ■ FARMÁCIAS ■ CONTACTOS ÚTEIS

Jogos diferentes de 3ª a Sábado
XADREZ - PALAVRAS CRUZADAS - CAÇA PALAVRAS - SUDOKU
HITORI - CRIPTOGRAMA - FUTOSHIKI - WORD SPLITTER
ANAGRAMA - PROBLEMA LÓGICO - CAMINHO ABC - LABIRINTO

PERFUMES LOW-COST
ALTA QUALIDADE - COMPROVE!!

PERFUME BAR
Av. Infante D. Henrique, n.º 111 Ponta Delgada
www.ydentik.pt

VAI RESISTIR A ESTES PREÇOS ??

ydentik pocket
leva-me contigo...

NOVIDADE!

Ydentik pocket 3,50€
Ydentik recarga 1,50€

NOVIDADE

- 1 RETIRAR O PULVERIZADOR DO SEU PERFUME
- 2 COLAR O TUBO DO PULVERIZADOR NO GRIFÃO
- 3 PRESSÃO PARA RECARREGAR

Ensino público “não está p alunos co

Mais de 5% das crianças do primeiro ciclo do ensino básico em Portugal sofre de dislexia. Os dados são de 2011, mas constam do único estudo sobre a prevalência deste distúrbio de aprendizagem. Em entrevista ao Diário dos Açores, Diana Tereso Coelho, especialista em Educação Especial e autora do livro “Dificuldades de Aprendizagem Específicas: Dislexia, Disgrafia, Disortografia e Discalculia”, destaca que “é preciso fazer muita coisa no nosso sistema de ensino”, apontando como prioridade a necessidade de “formar os educadores de infância e professores”, pois são “eles que têm um papel fundamental” na sinalização destes problemas.

POR SÍLVIA AGUIAR

Há dados percentuais sobre o número de crianças atingidas pela dislexia nos Açores?

Que eu tenha conhecimento, o único estudo feito em Portugal sobre a prevalência da dislexia em crianças portuguesas do primeiro ciclo do ensino básico é da autoria de Ana Paula Vale, Ana Sucena e Fernanda Viana (2011) e aponta para um valor de 5.4%.

Apesar da dislexia ser o distúrbio mais “conhecido”, existem outros três que merecem atenção por parte dos pais e professores. São eles, disgrafia, disortografia e discalculia. Em que consistem cada um deles?

A melhor forma de compreendermos cada um destes conceitos é através da análise etimológica de cada uma dessas palavras: Dislexia = Dis (desvio, distúrbio)+ lexia (leitura), ou seja, uma dificuldade ao nível do reconhecimento/leitura de palavras. São crianças que, geralmente, revelam uma leitura muito lenta e soletrada (por vezes, letra a letra), tornando incompreensíveis os enunciados escritos que tentam ler.

Disgrafia = Dis (desvio, distúrbio)+ grafia (escrita), ou seja, uma dificuldade na qualidade da escrita (a chamada “letra feia”). Corresponde àquelas crianças que não respeitem as linhas quando escrevem ou ultrapassam as margens; têm uma macrografia (letra muito grande) ou micrografia (muito pequena), com ligações das letras/palavras mal feitas, no entanto, sem nenhum erro ortográfico.

co.

Disortografia = Dis (desvio, distúrbio)+ orto (correcta)+ grafia (escrita); trata-se de uma dificuldade na escrita correcta de palavras/frases; uma criança que escreve com muitos erros ortográficos (é importante chamar a atenção de que são MUITOS erros ortográficos, pois quase todos nós, durante o processo de aprendizagem da escrita, temos tendência a escrever com erros) – o problema é quando isso não desaparece ou se prolonga...

Discalculia = Dis (desvio, distúrbio) + calculia (cálculos), ou seja, uma dificuldade nos conteúdos matemáticos (números, formas/formatos, contagens, cálculos...).

Há falta de conhecimento por parte dos professores e pais sobre esses distúrbios?

Felizmente, os pais/encarregados de educação, professores e psicólogos estão mais informados (hoje em dia basta uma pesquisa na internet para acedermos a uma série de artigos/estudos/livros ou blogs/fóruns) mas está longe do desejável!

Ainda existe necessidade de muita (in) formação. Muitos profissionais não se sentem preparados para acompanhar este tipo de crianças (e são os próprios que mo dizem). É cada vez mais comum encontrar professores, psicólogos, educadores de infância nos workshops que dinamizo (e não apenas pais/encarregados de educação que procuram informação por não saberem muito bem o que o filho tem, ou o que é a disortografia/discalculia, por exemplo).



Diana Tereso Coelho tem percorrido o país e a 18 e 19 de Outubro estará em Ponta Delgada a ministrar uma formação sobre Dislexia, Disgrafia, Disortografia e Discalculia

Como podem os pais ou os professores observar nos alunos se há a possibilidade de sofrerem desses distúrbios? Quais são os “sinais”?

Bom, falar dos sinais de alerta não é fácil, pois cada uma destas “DIS” tem um conjunto de indícios muito específicos. Na dislexia, mais relacionados com a linguagem; na disgrafia, associados ao desenvolvimento motor;

na discalculia, com os números, contagens...

Destaco, no entanto, o papel (fundamental!) dos educadores de infância e dos professores quando se apercebem que a criança não está a ter um percurso semelhante aos restantes colegas.

De que modo os professores podem agir para que o ensino nas aulas e a aprendizagem do aluno se

possa equivaler à dos restantes colegas?

O fundamental é, primeiramente, estarem informados sobre cada um destes tipos de dificuldades de aprendizagem (específicas), pois, como já vimos, dislexia não é o mesmo que disortografia ou discalculia e, como tal, exige atuações diferentes. Se cada um destes conceitos for clarificado, a intervenção junto destas crianças será adequada.

reparado” para englobar m dislexia

da e o sucesso destes alunos torna-se possível.

O nosso ensino público está preparado para englobar crianças com essas patologias?

Sinceramente, muita coisa é preciso fazer no nosso sistema de ensino...como, por exemplo, reconhecer qualquer uma destas “DIS” como uma necessidade educativa permanente, isto é, que se prolonga para o resto da vida (não desaparece com a idade...). Portanto, “tal como uma criança numa cadeira de rodas necessita de uma rampa para contornar escadas, ou uma criança cega necessita do código braille para ler, também uma criança com dificuldades de aprendizagem necessita de meios específicos que a ajudem a contornar os problemas, tantas vezes graves, que encontra no processamento de informação, na memória, na leitura, na escrita, no cálculo ou na socialização” (Jane Browning); formar educadores de infância e professores do ensino regular, pois são eles que têm um papel fundamental na sinalização destes alunos (quanto mais depressa forem diagnosticados, melhores e mais rápidos serão os resultados da intervenção); não esquecendo que são necessários mais professores de educação especial e/ou mais horas de acompanhamento destes alunos (sim, estas crianças precisam de uma ajuda/apoio constante e não chegam uma, duas ou três horas por semana quando o horário de uma semana corresponde, no 1º ciclo por exemplo, a cerca de 25h). O que acontece a esta criança nas outras 23h?

Como é que esses distúrbios de aprendizagem devem ser trabalhados na sala de aula?

Penso que se os conceitos estiverem claramente definidos, o trabalho feito na sala de aula será adequado (individualizadamente).

Claro que, atualmente, todos sabemos que não é fácil gerir uma turma com cerca de 30 alunos, onde um ou dois têm dificuldades de aprendizagem. O ideal seria que se pudesse contar com mais pro-

fessores de educação especial, como já referi anteriormente, ou que estes estivessem disponíveis mais tempo/horas por semana com cada uma destas crianças... só assim se garantirá um acompanhamento e trabalho de qualidade em sala de aula.

O que os educadores devem fazer para minimizar os efeitos do preconceito que muitas crianças são submetidas no contexto da sala de aula?

O mesmo que com qualquer outra criança com necessidades educativas especiais. Os professores, os colegas de turma devem compreender porque é que aquela criança tem mais tempo para resolver a ficha de avaliação, ou porque é que tem um número reduzido de questões, ou porque é que os trabalhos desse colega parecem mais “fáceis”... não é por ser “burra ou preguiçosa”, mas sim porque só dessa forma a criança com dificuldades de aprendizagem conseguirá resultados positivos.

Há mecanismos e ferramentas didáctico-pedagógicas que conseguem auxiliar as crianças a superarem as suas limitações?

Claro que sim! Hoje em dia a oferta é muita. Estou a lembrar-me dos auxiliares de escrita, por exemplo, que promovem uma pega adequada do lápis ou caneta (no caso das crianças com disgrafia), ajudando na procura de uma posição confortável para escrever e através da qual as crianças consigam executar todos os movimentos sem grande esforço. Ou as régua auxiliaadoras do espaçamento correto das letras.

Ou ainda os guias de leitura, para crianças com problemas no acompanhamento visual e que precisam de um localizador da linha de um texto, como as crianças disléxicas, por exemplo.

Há algum tratamento? Ou estes são distúrbios que a pessoa tem para o resto da vida?

Não, nenhuma destas “DIS” têm cura.

Aliás, uma das “condições” para serem dificulda-



Pais e professores precisam de mais (in) formação sobre os quatro “DIS” das dificuldades de aprendizagem

des de aprendizagem ESPECÍFICAS – DAE – e não gerais (que são todas as outras dificuldades de aprendizagem pontuais que uma criança pode vivenciar no seu percurso escolar) é, precisamente, por serem condição vitalícia, ou seja, nunca desaparecem. Podem melhorar com a intervenção (individualizada, especializada, adequada) e a criança/adulto pode encontrar ferramentas/estratégias muito úteis para o seu dia-a-dia, no entanto, nunca vai ler ou escrever corretamente, no caso de ser disléxica ou disortográfica.

Nos dias 18 e 19 de Outubro irá ministrar uma formação sobre essa temática em Ponta Delgada. O que se irá debater?

Acima de tudo, ajudar na clarificação destes conceitos. Infelizmente, ainda existe muita confusão entre estas “DIS” todas.

Depois, a partilha de experiências, estratégias, metodologias. É importante perceber, contudo, que não existem “receitas pedagógicas”, como costume dizer: cada caso é um caso e o ideal será que se pratique sempre uma in-

tervenção individualizada e estruturada especificamente para cada criança (aquilo que resulta muito bem com uma criança, pode não ser o mais adequado para outra!)

Por último, o facto de estes workshops serem mesmo “oficinas de trabalho”, onde as pessoas têm a oportunidade de “aprender, fazendo”; pegando numa frase do livro: “Diz-me e eu esquecerei, ensina-me e eu lembrar-me-ei, envolve-me e eu aprenderei.” (provérbio chinês). É esta a ideia que gosto de deixar, pois é desta forma que trabalho com as crianças que acompanho.

A quem se dirige, essencialmente?

Encarregados de Educação, Educadores de Infância, Professores, Psicólogos e todos os demais interessados nesta temática.

Tem percorrido o país falando sobre esse tema. Que conclusões nos pode avançar até ao momento de como tem sido essa experiência? Nota que os educadores não estão preparados para enfrentar essas patologias? É urgente investir

na formação?

Bom, antes de mais há que salientar o facto de estas formações serem frequentadas por público muito variado: encarregados de educação, professores dos vários ciclos de ensino, professores de educação especial, psicólogos, terapeutas da fala... e isto ilustra duas coisas fundamentais: primeiro, que existe uma falha na formação destes profissionais (e não estamos a falar apenas de professores); depois, que apesar dessa falta de (in) formação, as pessoas procuram ajuda e orientação neste assunto tão presente nas salas de aula. E este é um ponto positivo!

No entanto, são inúmeros os profissionais que interagem diariamente com estas crianças e os workshops que faço são insuficientes face aos públicos que necessitam de (in) formação.

O ideal seria que se promovessem este tipo de ações nos vários locais/estabelecimentos de ensino, pois um investimento atual na formação de todos estes recursos humanos poderá compensar custos e gastos desnecessários futuramente.